

Possível Imagem ¹

Hermano Vianna

No debate sobre a cultura contemporânea, um pensamento salvacionista está ganhando cada vez mais força. Seus adeptos partem da seguinte constatação: a arte dos anos 80 foi dominada pelo culto do falso, do simulacro, da superficialidade mercadológica. Seria necessário reverter este “terrível” estado de coisas através de uma revitalizadora volta à autenticidade, qualidade ausente no homem pós-moderno. Nada pode ser mais ingênuo do que a pregação autêntica. Pior: nada pode ser mais reacionário. Em nome da crítica da pós-modernidade o que está sendo proposto, sorratamente, é a restauração da metafísica da presença. Como não existem mais deuses capazes de realizar tal façanha, é inaceitável levar a sério as fronteiras artificiais que hoje são estabelecidas para distinguir, a qualquer custo, o real do simulado, o falso do verdadeiro, a essência da aparência. Os artistas em *Possível Imagem* sabem que estamos condenados a viver num mundo sem essências. Mas não fazem disso um melodrama expressionista. Muito pelo contrário: suas estratégias de trabalho, mesmo com diferenças evidentes, têm um objetivo em comum: acelerar o processo de perda da realidade e destruir as armadilhas neo-autênticas até que não sobre nada além da aparência. Trabalhar o limite, a simulação da simulação, a cópia da cópia. As metáforas só servem se forem gastas ou óbvias. Não existe mais segredo a ser revelado pela obra: tudo foi descoberto, tudo foi denunciado, tudo foi nivelado. A mais hermética ideia filosófica se equivale (ou tem que equivaler, esse é o trabalho do artista) ao mais banal slogan publicitário. Por isso a *Possível Imagem*. *Possível* quer dizer viável, fácil de realizar-se aquilo que pode ser, aquilo que não recusa a existência. *Imagem* em vários sentidos: reflexo, representação, imitação. Bem entendido: imagens que se relacionam apenas com outras imagens, no ritmo alucinante da

¹ Texto para o cartaz/folder da exposição *Possível Imagem*, com os artistas Brígida Baltar, Carla Guagliardi, Eduardo Coimbra, Márcia Ramos, Ricardo Basbaum e Valeska Soares no Solar Grandjean de Montigny, Rio de Janeiro, de 26 de abril a 18 de maio de 1990. A exposição foi ganhadora do Prêmio Prêmio Concorrência FIAT 1990.



hiperreprodutibilidade técnica, no espaço rarefeito onde só existe a realidade virtual. Possível Imagem: uma arte que, ao contrário do que disse Achille Bonito Oliva, pensa os anos 80 (e, portanto, os 90) como uma radicalização (justamente por ser uma repetição desiludida, mas bem-humorada) das pesquisas conceituais da modernidade. O artista deixa de lado, de uma vez por todas, a espontaneidade, a paixão e a inspiração. Seu trabalho é extremamente rigoroso e estabelece conexões precisas entre arte e tecnologia (Eduardo Coimbra), arte e simulação (Marcia Ramos), arte e indústria cultural (Brígida Baltar), arte e história da arte moderna (Carla Guagliardi, Valeska Soares, Ricardo Basbaum). Possível Imagem: a confirmação daquilo que Clarice Lispector escreveu há mais de três décadas: “pois quando a arte é boa é porque tocou no inexpressivo, a pior arte é a expressiva”.

